



**QUE FOI DE...**

Luis Emilio Batallán é um dos expoentes da canção protesta na Galiza, que estourou a partir da morte de Franco. O seu primeiro trabalho Ahi ven o Maio é um classico que ocupa um lugar prioritario na nossa memoria coletiva.

**CRIAÇOM**

Rosalía Pontica envia-nos um relato inconcluso, cheio de interrogantes. O que nos importa mais: a sorte do protagonista ou o resultado das eleições? Ou, se calhar, a sorte do protagonista está vinculada ao resultado das eleições. Podedes descobri-lo nas páginas d'A REVISTA. Ou não.

**CINEMA**

Nos ultimos tempos da mam de peliculas como Blancaneves ou The Artist voltou umha estetica dos tempos do silente. Analizamos esta transiçom que se deu para á modernidade e a volta que alguns querem dar-lhe ao cinema classico.

**EM TEMPOS**

**Da terra vindimada**

Xavier Viana

Entre os meses de setembro e outubro, ao redor do São Miguel, acontece todos os anos algo maravilhoso: o fruto das vides amadurece. É o tempo da vindima. Os homens e mulheres apanham as uvas que logo convertem numa bebida sacralizada que alegra o coração e afoga as penas.

O cultivo de videiras tem presença na Galiza desde, pelo menos, o século IX. A expansão dos grandes centros monacais durante o medioevo permitiu que as terras dedicadas à produção vinícola se espalhassem e distribuíram de jeito similar ao atual. Foi em começos do século XX quando a colheita de uvas atinge uma quantidade única. A emigração, o alagamento de terras pelas barragens (nas ribeiras do Minho e do Sil) e, nomeadamente, a transformação nos hábitos e costumes alimentares do nosso tempo provocaram uma considerável diminuição das casas com adega. A adega é uma construção onde se elabora, guarda e trata o vinho em pipos ou cubas. A quantidade de vinho mede-se em canados.

O vinho da casa é considerado alimento nas comunidades rurais pelas suas virtudes. Acompanha a



refeição para uma melhor digestão e uma eficiente contribuição de energia vital. Contam em Osseira que “uma mulher morreu por beber auga co pulpo” porque, como dizem em Santa Cruz de Viana (Chantada), “a auga aviva o no corpo. O pulpo come-se com vinho”. O adagiário popular afirma que “com pão e vinho anda-se o caminho”. Também acompanha os encontros entre amigos nas cantinas, feiras e celebrações festivas pela sua especial ajuda às rela-

ções humanas.

A etiquetagem das garrafas, após a criação das denominações de origem, estendeu a ideia dum vinho de qualidade que, contudo, não dá confiança aos consumidores tradicionais. Assegura um homem na ribeira de Amandi, no canhão do Sil, que o vinho etiquetado é perigoso “porque tem álcool e fai mal”.

A vindima simboliza a simbiose entre a espiritualidade e o materialismo. Prolonga-se durante

A vindima simboliza a simbiose entre a espiritualidade e o materialismo. Prolonga-se durante uma ou mais *cabaduras*

O vinho não é uma marca Ribeiro, Rias Baixas, Ribeira Sacra, Vale d'Eorras ou Monte Rei. O vinho são raças de uvas mencia, garnacha, alvarinho, treixadura... apanhadas em cachos

uma ou mais *cabaduras* –termo empregado para medir o tempo de trabalho nos vinhedos, porque é que às vezes faz-se uma cava com sachos ou enxadas para botar o esterco que fará de fertilizante imprescindível para a sobrevivência da vide. A casa proprietária que cuidou o vinhedo convoca a parentes e casas achegadas para fazer a vindima um dia determinado. As uvas acarretam-se, nas ribeiras de Chantada, em cestos *culeiros* (feitos com madeira de salgueiro pelos cesteiros) ou também, nos últimos anos, em sacos e caixas de plástico até o trator, em tempos era o carro, para deslocá-las até a adega familiar. No fim da vindima, há algum foguete e um almoço que nos mostra a mais

humana de todas as necessidades: compartilhar com os outros a satisfação de trabalhar a terra e obter o seu fruto, que nos permitirá alimentar-nos. Quem trabalharam para fora, quer-se dizer, vindimaram as terras de parentes ou vizinhos, levam, no regresso, as uvas necessárias para fazer o seu próprio vinho. Este é um outro exemplo de intercâmbio económico sem necessidade de dinheiro.

Porque o vinho não é uma marca Ribeiro, Rias Baixas, Ribeira Sacra, Vale d'Eorras ou Monte Rei. O vinho são raças de uvas mencia, garnacha, alvarinho, treixadura... apanhadas em cachos. O contacto da mão direita com ele, enquanto a esquerda o corta com a navalha ou com a tesoura, produz uma satisfação só explicável depois de tomar uma taça na companhia dalgum amigo. Branco ou tinto?, disse o Manuel, da Casa do Barqueiro (Frontom, Pantom), uma tarde de natal, que o vinho “há que bebê-lo tinto. Se bebes branco e mijas branco vai todo fora, mas se bebes tinto e mijas branco algo queda no corpo”.

As uvas esmagam-se, com os pés ou com esmagadoras mecânicas, para começar todo o processo de fermentação que transforma o mosto em vinho. Mas esse já é um outro conto. Enquanto se acaba a trasfega podemos ler *Entre a vendima e a castañeira*, um livro de vinte relatos que Ramón Otero Pedrayo publicou em 1957. Já chega o tempo dos castanheiros.



## QUE FOI DE



# Luís Emilio Batallán

Alonso Vidal

O ditador estava a daros seus últimos suspiros mas morria matando em Hoyo de Manzanares. A canção protesta estava em auge, nomeadamente em Catalunya e Madrid, em finais do regime franquista. Nessa altura, um moço de vinte e tal anos lançava um disco com o título de *Ahí ven o maio*. Também na Galiza o coletivo *Vozes Ceives* ocupava um espaço importante no panorama musical e vindicativo desde finais da década anterior. Mas isto foi outra cousa. O LP acústico que

Luís Emilio Batallán oferecia à sociedade galega nom se podia classificar totalmente nesse estilo de canção protesta e de autor.

Poemas de Curros, Rosalía, Cunqueiro ou Celso Emilio encontravam nas notas de Batallán e Carlos Cárcamo o complemento ideal para alcançar umha dimensão estética inconcebível na produção musical galega na altura. Tudo acompanhado de um ar intimista, cálido e suave que se espalha por cada poema como se fizesse parte da sua rima.

Foi um sucesso absoluto, com quase um quarto de milhões de discos vendidos, numha sociedade

onde fazer canção popular em galego era utopia. E a juventude galega começava a repetir o refrão das “notas necrológicas” nas reuniões estudantis porque *os mortos que vós matades gozam de boa saúde* ou suspiravam polas *que, como Rosalía, levam na frente umha estrela e as que levam no bico um cantar*. Mais tarde, os muitos pais e maes galegas adormecíamos as nossas crianças cantando-lhes aquilo de que *no ninho novo do vento hai umha pomba dourada, quem puidera namorála*. Escuitada no berço, provavelmente nenhuma outra peça musical fazia parte como ela do patri-

mónio imaterial da memória coletiva deste país. Numa entrevista a um jornal, Batallán diria que incluía essa peça de Cunqueiro sem a sua licença e tivo certos problemas com isso. Hoje, os alunos e alunas galegas recitam o poema com a música de Batallán. Som inseparáveis.

As fitas de leitos de cassetes, gravadas e regravadas com o *Caminho longo*, ocupavam um lugar nos porta-luvas dos carros e nos apartamentos de estudantes. Para muitos, escuitar as suas peças musicais era trazer um naco de tradição folk americana ou britânica à nossa terra, no nosso idioma.

### Mas o que foi do autor?

Luís Emilio Batallán nascera em Compostela no ano de 1948 e estudou medicina. Participara nessa época em recitais em começos da década setenta e o seu nome passou de boca em boca a partir da edição do seu *Ahí ven o maio* em 1975.

O seu trabalho musical foi escasso. Quatro discos em quarenta anos. Nenhum como o primeiro. Depois viria *Ballet da nena* (1989) e *Eres un fármaco* (1992). Finalmente, com colaboração de Milanés ou Sabina, lança *Tu retrato* em 2007, onde, entre outros, musica *Contra J.G.B.*, o famoso poema de Gil de Biedma.

Batallán tocou diversos paus na sua vida. Alguma deles curiosos e polémicos. Chegou a confessar-se simpatizante ou militante mesmo do Partido Popular e, do verao de 1985 a 1989, foi presidente do Pontevedra F.C. Nesta faceta última podemos lembrá-lo implicado num turvo assunto de pagamento

As fitas gravadas e regravadas com o ‘Caminholongo’, ocupavam um lugar nos porta-luvas dos carros e nos apartamentos de estudantes

Para muitos, escuitar as suas peças musicais era trazer um naco de tradição folk americana ou britânica à nossa terra, no nosso idioma

para arranjo de resultados, a fim de que o seu clube de futebol nom descesse de categoria. Parece ser que o último jogo da liga ia ser entre o Compostela e o Ponte Vedra. Batallán ofereceu comprar o jogo ao presidente rival. Este captou a conversa numa gravadora e o escândalo saltou. O fracasso como dirigente futebolístico fora rotundo, as dívidas dispararam-se nessa época e o clube estivo a piques de desaparecer.

Hoje, Luís Emilio Batallán exerce de médico rural em Moranha e continua a compor e tocar. O seu primeiro disco é já um clássico que ocupa um lugar preferente na velha mala da nossa lembrança sentimental e do nosso património musical.

MUITO MAIS QUE IMPRENSA!



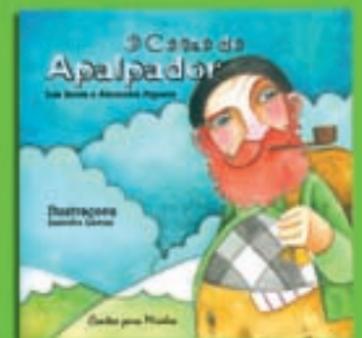
### AUTODETERMINAÇÃO

- ▶ DIREITO DE AUTODETERMINAÇÃO, UM POTENCIAL DEMOCRÁTICO
- ▶ Texto de Henrique del Bosque Zapata, prologado por Uxío-Breogán Diéguez Cequeiel
- ▶ Editam: Causa Galiza e A Fenda
- ▶ 8 euros (com os gastos de envio)
- ▶ Breve e acessível manual sobre o direito de autodeterminação e a sua aplicação na Galiza
- ▶ Versom em norma AGAL e RAG



### ATLAS HISTÓRICO

- ▶ ATLAS HISTÓRICO DA GALIZA E do seu Contorno Geográfico e Cultural
- ▶ Texto de José Manuel Barbosa
- ▶ Design Gráfico e Ilustração de José Manuel Gonçalves Ribeira
- ▶ 50 euros (gastos de envio incluídos)
- ▶ Edita: Edições da Galiza
- ▶ Amplo percurso pola história da Galiza através dos diferentes mapas de cada etapa a toda a cor



### O CONTO DO APALPADOR

- ▶ Textos de Lua Sende e Alexandre Miguens
- ▶ Ilustrações de Leandro Lamas
- ▶ 15 € (gastos de envio incluídos)
- ▶ Editam: Edições da Galiza e A Fenda Editorial
- ▶ Cuidada edição para crianças que aborda a figura do mítico personagem natalício
- ▶ 34 páginas, 12 ilustrações, tampas duras

Solicita-os em: [encomendas@novasgz.com](mailto:encomendas@novasgz.com) ou no telefone. 692 060 607



## A FOTO LOSTREGO

Gzifoto

Centrais de biomassa, de cogeração, de queima de resíduos, de "gás natural" liquefeito, macro-hidráulicas, mini-hidráulicas, termo-elétricas, refinarias de petróleo... Parques eólicos que não substituem energias sujas mas que ampliam o stock para a exportação. Idem com as incipientes fotovoltaicas. Território inçado de obras lesivas, agressivas, ilegais, e o recibo da luz mais caro do estado. Somos uma colónia.

Ainda bem que não sabem tirar proveito económico dos raios porque assim que deem feito, vamos ter trovoadas a cotio, e a imagem que apresento para A Revista perderá qualquer impacto e excecionalidade. A propósito, a instantânea foi tomada no campo da lenha numa cidade galega edificada sobre um oleoduto. Mais uma bomba-relógio qualquer na nossa terra ferida.



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

Rosalía Pontica envia-nos um relato cheio de interrogantes, como os tempos que correm. Lembrai que, o mesmo que esta leitora, vós também podeis participar do NOVAS DA GALIZA enviando os vossos textos a [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

## Costumbrismo



por Rosalía Pontica

A noite do 21 de outubro de 2012, Luís estendia a roupa, que acabava de retirar enroupada da máquina de lavar, pola fiestra do pátio do seu andar na rua de Santa Clara. Às suas costas, na cozinha, umha pizza pré-cozinhada torrava-se tranquilamente no forno de gás, e através da fiestra aberta podia-se escutar a música que se filtrava desde a casa dalgum vizinho, o direto ao vivo dos Burning, aquele que deram pouco antes de morrer Pepe Risi. *Sabes que si me dejas muy triste me quedaré.* Luís estava a ficar sem molas da roupa. Ao intentar abranger duas camisolas com a mesma para poupar, um truque que aprendera da sua ex, a peça de plástico deslizou-lhe das maos e caiu silandeiamente três andares mais abaixo, quase como se flutuasse no ar. Albiscou na escuridade, mas no pátio só havia umha peúga enrugada que levava ali desde que ele se mudara para aquele apartamento e um pouco mais aló a tampa de reixa

dum sumidouro. *Días después al llegar la mañana viste que yo ya no estaba.* Debruçou-se sobre o peitoril da fiestra, tendo cuidado de procurar um ponto de apoio para nom cair ao vazio, e tratou de ver o que havia por baixo da cornija do primeiro andar. Por força, as molas da roupa que lhe caíam a cada pouco tinham que ir parar algures, nom podia ser que o pátio os engolissem. Se calhar, o vento empurrava-os para umha parte oculta do pátio, debaixo das cornijas. *Por eso no es extraño que tú estés loca por mí,* e o público berrava em êxtase. Luís desistiu de descobrir o mistério das molas e seguiu a tirar roupa da máquina de lavar. O cheiro a pizza de supermercado começava a estender-se pola cozinha. No meio do solo de guitarra a cançom cortou-se de golpe, e por todo o pátio sentiu-se o ruído de estática do dial do rádio buscando umha emissora. Apurou a estender a roupa antes de que a pizza se queimasse. *Com 87 por cento do escrutínio rea-*

*lizado, estes som os resultados das eleições ao Parlamento Galego.* Luís ficou mudo, á espreita. As pernas tremêrom-lhe ao escutar os resultados que a locutora anunciava felizmente desde o rádio dalgum vizinho. A mola de plástico verde que tinha na mão deslizou-se dos dedos quando estava a intentar pendurar umha camisa, esta caiu ao pátio antes de que puidesse alcançá-la com ambas as maos e o seu corpo de quase dous metros seguiu-a na mesma décima de segundo.

Deitado de costas na frialdade do pátio interior, a escassos metros da peúga enrugada, Luís começou a preocupar-se pola pizza que se consumia no forno da cozinha. Olhou para a direita e para a esquerda, tratando de procurar algum jeito de avisar os vizinhos, e ali estava, justo debaixo da cornija do primeiro andar; a moreia de molas que se lhe foram deslizando das maos cada vez que estendia a roupa nos últimos cinco anos. Luís perdeu o conhecimento.



## LÍNGUA NACIONAL

# Espera-galegos

Valentim Fagim

Um estudo da Mesa pola Normalización Lingüística evidencia que a nossa língua inexistente no ensino infantil, com percentagens que nom chegam a 5%. Segundo a fonte, estes dados nom som um reflexo da vontade dos pais e das mais relativamente à língua escolar para os seus miúdos mas é o que se chama Realpolitik ou política de factos consumados.

Poderia ser de outra forma? Se dermos um passeio polos sistemas educativos de diferentes

lugares do globo constatamos que têm umha função sociabilizadora fundamental, rara vezes verbalizada. Felizmente, o ministro de educação espanhol é pouco propenso a reviravoltas dialéticas: «*Nuestro interés es españolizar a los alumnos catalanes*».

Assim sendo, o sistema educativo espanhol foi criado para criar espanhóis e a forma melhor de garantir um espanhol 100%, bem mais puro que os desnata-

dores deste periódico, é garantir que sejam monolíngues em espanhol. A máquina funciona para conseguir isto e funciona mui bem. Nom esperemos algo diferente dela.

Alguns dirám: que maus som! Outros exclamarám: Fazem isto com o meu dinheiro! Pois, som do pior. O quarto dos lamentos está lá ao fundo à esquerda, nom tem janelas, acomodem-se. Tenham cuidado em nom tropeçar, há muito pessoal. Paciência.

Falando em paciência, em Portugal recebiam o nome de



«espera-galego» os fósforos inicialmente feitos de enxofre e que tinham de ser mergulhados em ácido sulfúrico. A demora do processo ligada à ideia de os galegos serem pessoas até indolentes deu nome a estes fósforos: de espera-galego.

E entom, que estaremos a esperar? Nom será tempo de construir, de ensaiar, de errar, de acertar?

Em Portugal recebiam o nome de «espera-galego» os fósforos inicialmente feitos de enxofre e que tinham de ser mergulhados em ácido sulfúrico. A demora do processo ligada à ideia de os galegos serem pessoas até indolentes deu nome a estes fósforos: espera-galego

## CINEMA

# Retornos do silente

Iván García Ambrúñeiras

“Numerosos cineastas, sem dúvida por reação, decidírom-se por voltar atrás e nom filmar senão *corpos mudos*. O mutismo cinematográfico regressou, se calhar, ao mesmo tempo como sintoma e como nova moda enfermidade significativa em si mesma”<sup>1</sup>. Com estas palavras, Jean-Louis Comolli reagia uns 10 anos atrás perante umha certa deriva do cinema contemporâneo mais radical. Um cinema que optava por se despojar da palavra, para fabricar um cinema de gestos e ruídos. Algo que para o crítico francês significava umha estratégia de retrocesso e assumia umha renúncia: a de opor ao balbordo falangueiro dos meios umha outra palavra que recuperasse a faculdade da escuita para o espetador. E, além disso, por cima dos inegáveis sucessos atingidos por algum destes filmes (as magníficas dois primeiros filmes de Lisandro Alonso, por pormos um exemplo), nom podo evitar umha certa incomodidade a respeito da sua proposta. Por um lado, pola revitalização que realizam da ideia dum cinema puro, sem contaminar, e, por outro, pola recuperação da negativida-



de adorniana como estratégia crítica a respeito do panorama contemporâneo.

Nos últimos tempos, tivo lugar umha curiosa vindicação deste mutismo do écran, na forma de filmes que recuperam o estilo e estética dos tempos do silente. Algo que surgira já no território do cinema mais autoral, com as releituras do passado histórico filipino de Raya Martin ou os lúdicos experimentos de Guy Maddin, mas que ultimamente

chegou aos écrans comerciais com filmes como *The Artist* ou *Blancanieves*. Com todas as diferenças que há entre a inane recriação do Hollywood do anos 20 dum, e a por momentos potente reinterpretação do conto clássico passado pola imaginaria da “Espanha negra” doutro, as duas compartilham algumas características. Entre elas, a fascinação pola estética do período, que pareceria conter destilada a essência dumha certa

“magia do cinema” - nom por acaso os dous filmes alojam no seu início a imagem dum teatro, com o que os dous testemunham o carácter de artefacto dos filmes e o afã de espetáculo que contêm. Mas também o perigo do ensimesmamento, em que cai de cheio o filme de Berger, de que a pulsão formalista afogue as possibilidades do relato.

Nesse sentido, há que reconhecer que o filme de Pablo Berger vai muito mais longe que o de

Hazanavicius na sua valentia formal. Planos distorcidos “ao Eisenstein” - como o próprio Berger os chama numha entrevista recente -, acusadas diagonais compositivas, sequências de montagem rápida em que se junta o sentido rítmico com um marcado tom lírico que remete para a escola francesa dos anos 20, etc, configuram um filme de grande expressividade. Porque o que acaba demonstrando *Blancanieves* sem pretendê-lo é o pedestre que é o cinema que copa as nossas salas, que modulam umha muito limitada paleta de recursos. Uns recursos que a maior parte do cinema descartou como passados, localizados historicamente, e que, como ensina Pablo Berger, continuam a ter umhas possibilidades assombrosas e som perfeitamente compatíveis com a agilidade narrativa. Mágoa que nom estivessem ao serviço dum filme que nom se esgotasse num simples exercício de estilo, e que puidesse falar-nos de maneira mais profunda do nosso tempo. Um filme em que o uso do silente como modelo nom significasse de maneira imediata a representação dos primeiros 30 anos do século XX nem o mutismo das personagens.

1. Jean-Louis Comolli: *Ver y poder. La inocencia perdida: cine, televisión, documental*, Buenos Aires, Aurelio Rivera, 2007, p. 627-28.